

Rádio universitária, comunicação pública e mídia sonora em tempos de desinformação¹

Angela Maria GROSSI²

Angélica Aparecida Parreira Lemos RUIZ³

Fábio Tavares de TOLEDO⁴

Sérgio Magson DIONIZIO⁵

Rádio Unesp FM, Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Resumo

Este artigo investiga as rádios universitárias no contexto do *rádio expandido* como infraestruturas epistêmicas públicas capazes de mediar a circulação social da ciência em ambientes comunicacionais marcados por plataformação e desinformação. A partir de revisão teórica sobre mídias sonoras, radiomorfose e territorialidade, articulada a dados recentes de consumo de áudio no Brasil, argumenta-se que essas emissoras, ao integrar transmissão linear e circulação sob demanda, estruturam condições institucionais e comunicacionais para a produção, validação e circulação qualificada do conhecimento científico, contribuindo para o enfrentamento da desinformação e para o fortalecimento da esfera pública democrática.

Palavras-chave: Comunicação pública da ciência; Rádio universitária; Interesse público; Desinformação; Rádio expandido.

A circulação social da ciência nas democracias contemporâneas ocorre em um ambiente comunicacional profundamente reconfigurado pela plataformação da comunicação, pela crescente centralidade das mídias sonoras digitais e pela intensificação da economia da atenção. Nesse cenário, marcado por disputas permanentes por visibilidade, legitimidade e credibilidade, o conhecimento científico deixa de ocupar exclusivamente espaços especializados e passa a integrar arenas simbólicas ampliadas, tensionadas por dinâmicas de desinformação, particularmente em temas sensíveis como a vacinação, mudanças climáticas e eleições.

Nesse contexto, o fluxo do saber científico não se limita à mera transmissão de conteúdos, configurando-se como um processo mediado por ecossistemas comunicacionais híbridos, nos quais diferentes formatos e linguagens competem, coexistem e se articulam. Tal dinâmica torna-se ainda mais sensível em contextos de baixa educação científica de base, nos quais fragilidades estruturais da cultura científica favorecem a expansão da desinformação, evidenciando a urgência de ampliar a circulação qualificada do conhecimento (Grossi, 2026).

¹ Trabalho apresentado ao **Grupo de Pesquisa 7 - Comunicação pública e política**, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Livre-docente em Mídia e Informação pela Unesp e diretora da Rádio Unesp FM. Email: angela.grossi@unesp.br

³ Doutora em Mídia e Tecnologia pela Unesp. E-mail: angelica.ruiz@unesp.br

⁴ Jornalista e editor-chefe de Jornalismo da Rádio Unesp FM. E-mail: fabio.toledo@unesp.br

⁵ Coordenador de programação da Rádio Unesp FM. E-mail: sergio.magson@unesp.br

No interior desse ecossistema, rádio linear, streaming, podcasts e webrádios configuram-se como dispositivos estratégicos de mediação pública. A centralidade renovada do áudio, associada à expansão do consumo sob demanda, recoloca o campo radiofônico no debate sobre comunicação pública da ciência. Sustenta-se, neste trabalho, que as rádios universitárias - inseridas no ecossistema do rádio expandido - não apenas difundem conteúdos científicos, mas estruturam condições institucionais e comunicacionais para a circulação pública qualificada do conhecimento. O objetivo é compreender como tais emissoras podem operar como infraestruturas epistêmicas públicas, entendidas como arranjos institucionais e comunicacionais voltados à produção, validação e circulação social do conhecimento em bases democráticas.

O reconhecimento do rádio como objeto central de investigação na Comunicação brasileira decorre da consolidação dos estudos de rádio e mídias sonoras nas últimas décadas. A institucionalização de grupos de pesquisa, a ampliação da produção bibliográfica e a incorporação do tema aos programas de pós-graduação conferiram ao meio estatuto analítico próprio (Zuculoto, 2016; Prata, 2011). Esse movimento desloca o rádio da condição de meio residual para situá-lo como locus privilegiado para análise das mediações socioculturais e das transformações tecnológicas. A noção de radiomorfose (Prata, 2011; 2012) explicita essa reconfiguração estrutural ao evidenciar a articulação entre emissoras hertzianas, híbridas e digitais, integrando transmissão linear e circulação sob demanda. Nesse processo, tornam-se progressivamente fluidas as fronteiras entre rádio tradicional, streaming e podcasting, configurando o que a literatura denomina rádio expandido (Mustafa, 2017; Prata 2012).

O rádio expandido não se limita à ampliação tecnológica; ele implica reconfigurações nas práticas de escuta, nas temporalidades de consumo e nas formas de engajamento. O campo das mídias sonoras consolida-se, assim, como espaço atento às transformações da experiência auditiva contemporânea (Lopez, 2022). A escuta desloca-se da linearidade fixa para dinâmicas móveis, multiplataforma e sob demanda. Nesse contexto, o fenômeno do *binge listening* - caracterizado pelo consumo intensivo e sequencial de podcasts - redefine temporalidades e favorece aprofundamento temático, inclusive em conteúdos científicos. Conforme demonstram Lopez, Gambaro e Freire (2024), narrativas seriadas, regularidade editorial e construção de vínculos de confiança sustentam engajamento prolongado. O podcasting configura-se, portanto, não apenas como formato técnico, mas como ambiente simbólico de pertencimento que sustenta acompanhamento contínuo de conteúdos complexos.

A articulação entre rádio expandido e consumo seriado amplia as condições de circulação social da ciência. Rádios universitárias podem converter programas transmitidos linearmente em séries sob demanda, organizar dossiês temáticos em ambientes digitais institucionais e integrar transmissão síncrona e permanência assíncrona. Essa circulação híbrida potencializa alcance, reescuta e aprofundamento temático, fortalecendo estratégias de

comunicação pública da ciência em múltiplas temporalidades (Lopez; Gambaro; Freire, 2024). Ao favorecer contextualização continuada, encadeamento narrativo e recorrência informativa, tais práticas contribuem para o enfrentamento da desinformação, uma vez que ampliam a inteligibilidade dos temas científicos e consolidam vínculos de confiança com as audiências.

A dimensão tecnológica, entretanto, não esgota a especificidade dessas emissoras. Estudos regionais evidenciam a diversidade de experiências públicas, comunitárias e universitárias e destacam a territorialidade como categoria central de análise (Klöckner; Prata, 2009; Farias, 2022). Emissoras locais operam como mediadoras entre agendas nacionais e demandas socioterritoriais, promovendo circulação capilarizada de conteúdos de interesse público. A inserção territorial confere às rádios universitárias capacidade singular de traduzir agendas científicas globais em contextos locais, aproximando produção acadêmica e esfera pública e reforçando relações de proximidade, reconhecimento e credibilidade — elementos fundamentais para a qualificação do debate público em ambientes marcados por disputas informacionais.

Dados recentes reforçam empiricamente a relevância social do áudio no Brasil. O estudo Inside Audio 2025, da Kantar IBOPE Media, indica que 92% da população consumiu algum formato de áudio nos últimos 30 dias, incluindo rádio, streaming e podcasts, e que o rádio linear permanece presente na rotina de 79% da população nas principais regiões metropolitanas, com média diária de escuta de 3h47 (Kantar IBOPE Media, 2025). Esses números tensionam narrativas de obsolescência do meio e evidenciam sua persistência estrutural. No âmbito da comunicação pública, informações divulgadas pela Agência Brasil indicam que emissoras da Empresa Brasil de Comunicação registraram crescimento histórico de audiência em 2025, inclusive entre públicos jovens (Agência Brasil/EBC, 2026). Tais indicadores sugerem capacidade de reinvenção em ambientes midiáticos saturados e altamente plataformizados.

A Rede Nacional de Comunicação Pública (RNCP) amplia essa dimensão estrutural ao articular rádios e televisões públicas e educativas em escala nacional, com presença em contextos urbanos e rurais (RNCP, 2025). Sua capilaridade favorece a circulação de conteúdos em múltiplas escalas territoriais e potencializa a difusão ampliada de produções científicas locais. Para rádios universitárias, a inserção em redes públicas fortalece a dimensão cooperativa da comunicação científica e contribui para redução de assimetrias no acesso à informação qualificada.

A literatura especializada reconhece as rádios universitárias como espaços formativos e experimentais, mas também como dispositivos institucionais de comunicação pública (Rádios universitárias: experiências e perspectivas, 2015). Ao articularem ensino, pesquisa e extensão à produção radiofônica, essas emissoras conjugam missão acadêmica e

compromisso social. Inseridas no ecossistema do rádio expandido e sustentadas por rede pública nacional, podem ser compreendidas como infraestruturas epistêmicas públicas. Tal conceito implica reconhecer a articulação entre dimensão institucional - vinculada à produção científica e à legitimidade acadêmica -, dimensão comunicacional - caracterizada pela integração entre transmissão linear e circulação sob demanda - e dimensão democrática - orientada ao interesse público e à participação social.

Compreender a rádio universitária sob essa perspectiva desloca o foco da emissora como mero veículo de difusão para situá-la como arranjo mediador responsável de ciência na esfera pública. Em contextos marcados por desinformação e disputas intensificadas por atenção, tais dispositivos contribuem para qualificar o debate público, ampliar compreensão social sobre temas científicos e consolidar vínculos de confiança entre universidades e sociedade. Longe de constituírem resquícios de uma ecologia midiática analógica em declínio, as rádios universitárias demonstram capacidade adaptativa no interior de ecossistemas sonoros híbridos, nos quais transmissão linear, streaming e podcasting coexistem e se articulam. A convergência entre radiodifusão tradicional e formatos digitais amplia as condições de circulação social da ciência e reafirma a pertinência do meio radiofônico como instância estruturante da comunicação pública.

À luz das contribuições empíricas e teóricas mobilizadas, sustenta-se que as rádios universitárias ocupam posição estratégica na interseção entre rádio expandido, mídias sonoras digitais e comunicação pública da ciência. Mais do que difundir conteúdos, estruturam condições institucionais e comunicacionais para a circulação qualificada do conhecimento científico, contribuindo para consolidação de uma esfera pública informada e orientada ao interesse coletivo.

Referências

AGÊNCIA BRASIL/EBC. Rádios públicas têm crescimento histórico de audiência em 2025. Brasília: Empresa Brasil de Comunicação, 2026.

FARIAS, Karina Woehl de. Rádio local e regional nas pesquisas em mídia sonora: apontamentos a partir de bancos de teses e dissertações. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Ouro Preto, v. 13, n. 2, p. 53-73, 2022.

GROSSI, Angela Maria. A CIÊNCIA SÓ EXISTE SE FOR COMUNICADA: SABINE RIGHETTI FALA SOBRE OS DESAFIOS E URGÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, [S. l.], v. 24, n. 49, 2026. Disponível em: <https://www.revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1374>. Acesso em: 1 mar. 2026.

KANTAR IBOPE MEDIA. Inside Audio 2025: áudio em movimento no Brasil. São Paulo: Kantar IBOPE Media, 2025.

KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (org.). História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de Norte a Sul do Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. e-book.

LOPEZ, Debora Cristina. O editorial: comunicação e mídias sonoras. Comunicação, Cultura e Sociedade, Cáceres, v. 2, n. 3, p. 6-11, 2022.

LOPEZ, Debora Cristina; GAMBARO, Daniel; FREIRE, Manuella. Binge listening: dimensões do consumo de áudio em podcasting. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Ouro Preto, v. 14, n. 3, p. 199-226, 2024.

MUSTAFA, Izani Pibernat. O rádio mudou. É expandido. Transbordou para o celular e para as redes sociais. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 215-219, 2017.

PIMENTEL, Cristiane Maria Sales. A educação está no ar: a comunicação pública no Programa Jornal da Educação da Rádio Universitária FM. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

PRATA, Nair. Webrádio: novos gêneros, novas formas de interação. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2012.

PRATA, Nair (org.). Panorama do rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2011.

RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS: experiências e perspectivas. João Pessoa: Editora UFPB, 2015. e-book.

RNCP – REDE NACIONAL DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA. Rede Nacional de Comunicação Pública: indicadores de cobertura. Brasília: RNCP, 2025.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A história do campo acadêmico do rádio no Brasil: registros referenciais para uma proposta de roteiro de percurso. In: INTERCOM – CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. Anais... São Paulo: Intercom, 2016. p. 27-47.